

Pesquisas pós-críticas em educação e formação docente: aproximações, tensionamentos sobre gênero na escola

Post-critical research in education and teacher training: approaches, tensions about gender in schools

Investigación postcrítica en educación y formación del profesorado: enfoques, tensiones sobre el género en la escuela

DOI: 10.54033/cadpedv21n6-046

Originals received: 05/03/2024

Acceptance for publication: 05/24/2024

Karoline Ribeiro Rabello

Mestranda em Ensino de Ciências e Humanidades

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Endereço: Manaus, Amazonas, Brasil

E-mail: karoline.rabelo@ufam.edu.br

Rozane Alonso Alves

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Endereço: Manaus, Amazonas, Brasil

E-mail: rozanealonso@ufam.edu.br

RESUMO

Este artigo faz parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades – PPGECH, junto a Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Conta o com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. Busca tencionar as relações que transitam entre a fronteira e transgressão na formação de professores/as, com ênfase nas discussões de gênero como palco discursivo que se insere no contexto de sala de aula, articulando o campo dos Estudos Culturais e teorias articuladas, tais como Pedagogia Feminista e Teoria Queer, para pensar das dimensões do trabalho docente no que se refere as perspectivas de gênero e sexualidade. O estudo tem como objetivo olhar para as discussões teóricas-metodológicas que buscam desafiar e redesenhar práticas de ensino quanto ao assunto/conteúdo sobre gênero no âmbito da formação de professores. O artigo destaca a importância de considerar a dimensão de gênero na educação, debatendo e problematizando as múltiplas facetas da subjetividade do sujeito aluno/a amplificadas (ou não) a partir da sua relação com a escola. Além disso, tensiona como problematizar o cenário educacional, tornando-o mais perceptível às questões de gênero e,

assim, uma educação mais diversificada, voltando-se para a formação de professores e tensionando, de que maneira os professores vem se formando, para debater e problematizar as questões de gênero dentro de sala de aula?. Olhar a partir das narrativas transgressoras ao qual se constituem o campo da pesquisa pós-crítica auxilia na percepção dos modos como a escola e as práticas instituídas nesse espaço, possam produzir novos olhares e discursos sobre as identidades estudiantis, bem como estabelece tencionar a fixidez dessas mesmas práticas.

Palavras-chaves: Pesquisas Pós-Críticas em Educação. Gênero. Sexualidade. Formação de Professores e Professoras.

ABSTRACT

This article examines the relationships that move between the border and transgression in teacher training, with an emphasis on discussions of gender as a discursive stage that is inserted in the classroom context. The study aims to look at theoretical-methodological discussions that seek to challenge and redesign teaching practices regarding the subject/content of gender within the scope of teacher training. The article highlights the importance of considering the gender dimension in education, debating and problematizing the multiple facets of the subjectivity of the student subject, amplified (or not) from their relationship with the school. Furthermore, it stresses how to problematize the educational scenario, making it more perceptible to gender issues and, thus, a more diverse education, turning to teacher training and stressing how teachers are being trained, to debate and problematize gender issues within the classroom?. Looking from the transgressive narratives that constitute the field of post-critical research helps in the perception of the ways in which the school and the practices established in this space can produce new perspectives and discourses about student identities, as well as establishing intention to fix these identities. same practices.

Keywords: Post-Critical Research in Education, Gender. Sexuality, Teacher Training.

RESUMEN

Este artículo forma parte de un proyecto de investigación de tesis de maestría vinculado al Programa de Posgrado en Enseñanza de Ciencias y Humanidades (PPGECH) de la Universidad Federal de Amazonas (UFAM). Cuenta con financiación de la Fundación de Apoyo a la Investigación del Estado de Amazonas (FAPEAM). Busca examinar las relaciones que se mueven entre la frontera y la transgresión en la formación docente, con énfasis en las discusiones de género como escenario discursivo que se inserta en el contexto del aula, articulando el campo de los Estudios Culturales y teorías articuladas, como la Pedagogía Feminista y la Teoría Queer, para pensar las dimensiones del trabajo docente en términos de perspectivas de género y sexualidad. El estudio tiene como objetivo examinar las discusiones teórico-metodológicas que buscan cuestionar y rediseñar las prácticas de enseñanza en relación al tema/contenido de género en el contexto de la formación de profesores. El artículo destaca la importancia de considerar la dimensión de género en la educación, debatiendo

y problematizando las múltiples facetas de la subjetividad del estudiante, amplificada (o no) a través de su relación con la escuela. También analiza cómo problematizar el escenario educativo, haciéndolo más perceptivo a las cuestiones de género y, por tanto, a una educación más diversa, recurriendo a la formación del profesorado y preguntándose cómo se ha formado a los docentes para debatir y problematizar las cuestiones de género en el aula. Mirar las narrativas transgresoras que constituyen el campo de la investigación postcrítica nos ayuda a percibir las formas en que la escuela y las prácticas instituidas en este espacio pueden producir nuevas perspectivas y discursos sobre las identidades de los estudiantes, así como establecer una tendencia a fijar estas mismas prácticas.

Palabras clave: Investigación Postcrítica en Educación. Género. Sexualidad. Formación del Profesorado.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste texto é discutir como vem sendo produzido os debates sobre gênero no contexto das pesquisas pós-críticas. Para isso, nos apoiamos numa revisão de literatura, específica, dos estudos e debates no campo da teoria Quer, Pedagogia Feminista e suas articulações com o campo dos Estudos Culturais.

Para tanto, entendo que “os Estudos Culturais jamais constituíram, e tampouco constituem, hoje, um conjunto rigidamente articulado de ideias, concepções e pensamento”. (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p. 7). Os Estudos Culturais se apresentam como um campo de investigação que transita nas instabilidades da própria investigação e, ao mesmo tempo, se constitui com espaço de “produção de novos saberes acerca dos modos como processos socioculturais estão implicados na construção de nossas concepções sobre o mundo”. (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p. 8).

Independente da quantidade de alunos, dinâmica da turma ou diversos outros fatores que são parte do contexto de sala de aula, o perceber é algo que o/a professor/a desenvolve ao longo das mais diversas experiências ocorridas em sala de aula. Discursos como “*Já presenciei inúmeras situações*” “*Alguns alunos deixam visível seu desprezo pelo colega que tem um comportamento diferente*” “*As brincadeiras e piadas de mal gosto são inevitáveis*”, pontuam

justamente essas percepções quando se pergunta sobre gênero e sexualidade em sala de aula. Ressaltamos que as narrativas presentes neste excerto foram produzidas a partir de um Projeto do Programa Institucional de Bolsa Iniciação Científica desenvolvido entre os anos de 2020 e 2021, que contou com uma série de entrevistas com professores da rede municipal, na cidade de Humaitá-Amazonas e desde de 2023 vem se estruturando em uma pesquisa de dissertação de Mestrado.

Apontamos que as narrativas voltadas as questões de gênero presentes neste excerto estão direcionadas a perspectiva educacional e está articulada aos elementos formativos constituintes dos discursos docentes sobre a temática no contexto da sala de aula. O professor/professora se torna então, o/a mediador/mediadora que problematiza essas percepções, dentro do contexto ao qual está inserido/a, o que pode ser percebido dentro de um conjunto de pesquisa em andamento, nos discursos produzidos a partir de entrevistas narrativas a partir de Andrade (2012) na fala, na prática, do pensar do ser docente.

Pautado dentro do campo teórico – metodológico dos Estudos Culturais, que de acordo com Fornas (2022) “busca investigar, questionar [...] ver a crítica como um dos muitos modos de ler ou interpretar texto”, é que este artigo se constitui. O campo dos Estudos Culturais é um campo plural e polissêmico que busca, não verdades concretas, mas tensionamentos de perspectivas a partir de narrativas ressignificadas. Dentro dessa perspectiva, buscou-se um levantamento bibliográfico acerca das temáticas formação de professores e as questões de gênero, fazendo uma análise a partir dos estudos culturais.

Dessa forma, o presente trabalho busca tensionar as problemáticas voltadas para formação dos professores acerca das questões de gênero e sexualidade dentro do contexto educacional e pergunta-se de que maneira os professores vêm se formando para problematizar as questões de gênero? De que forma vem-se percebendo as questões de gênero em suas práticas e como se desenvolvem dentro desse contexto?

2 REINTERPRETANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM OLHAR CRÍTICO E CONTEXTUAL

O contexto educacional é alvo de debates e discursões ao longo de várias décadas. As narrativas tidas, são pautadas em diversos contextos, realidades, correntes filosóficas e pautas sociais polissêmicas, em razão disso, ao se trazer temáticas de cunho educacional, encontra-se uma diferentes perspectivas, que se ressignificam.

Wortmann, Costa e Silveira (2015) que os debates produzidos atuam como “na ressignificação de questões, discursos e artefatos tradicionalmente relacionados ao campo pedagógico” o que coloca dentro da perspectiva apresentada, a formação dos professores como um “artefato pedagógico” a ser reinterpretado. Sob a perspectiva pós-estruturalista dos estudos culturais, desencadeia-se debates intrinsecamente questionadores, e nesse contexto, questões cruciais emergem.

Inicialmente, volta-se para a identidade docente que é desconstruída e reconstruída em função da multiplicidade de fatores sociais, políticos e econômicos que se insere no contexto da sala de aula. Paraiso (2004) argumenta que, no âmbito das e “nas pesquisas pós-críticas, exploram-se as produções de sujeitos de diferentes modos” e essas diferenças tencionam e ressignificam o fazer docente e suas identidades.

Desse modo, compreende-se que o se formar professor e professora é um processo contínuo que se dá em sala de aula, em casa, em atividades extracurriculares, em reuniões e aproximações teóricas com colegas de trabalho. E onde Silva (1998) aborda que “[...] a “fabricação” da subjetividade docente psicocrítica, produzida por técnicas psicológicas movidas por impulsos libertários, disseminada nas pedagogias construtivistas”

Dentro dessa perspectiva, a formação de professores/as não se limita a uma mera transmissão de conhecimento, mas torna-se um processo de construção polissêmica de identidades, saberes que transitam a partir das relações entre experiências de modos de ser, de práticas de ensino, dos múltiplos olhares que constituem o fazer docente que se estabelece dentro e fora

da sala de aula por meio de narrativas que se ressignificam, rasuram e suturam e vivências escolares e não escolares.

É preocupação dessas pesquisas expor o tipo de sujeito e de subjetividade que as diferentes práticas educativas formam, modificam, educam, fabricam, fixam, divulgam. Reunidas, essas pesquisas mostram que o sujeito (ou a subjetividade) é produzido, montado ou fabricado em diferentes práticas discursivas (tanto na escola como fora dela) que se combinam ou não para a regulação das nossas condutas. Defendem que o sujeito não existe fora da história, da linguagem, do discurso e das relações de poder. Enfim, mostram que é preciso estudar as diferentes práticas que investem uma infinidade de técnicas, estratégias e procedimentos na produção de certos tipos de sujeitos e de determinados “objetos”. (Paraiso. p. 292, 2004)

Isso levanta questões sobre como educadoras e educadores vão se constituindo e problematizando noções preconcebidas e estereótipos sobre identidade e questões de gênero, permitindo-lhes construir novas narrativas, aberta na sala de aula. De acordo com Paraiso (2004),

Os sentidos são multiplicados, os conhecimentos expandidos, os espaços de criação e invenção povoados. Elas têm-se posicionado contra a fixidez de significados, de narrativas, de valores, de classificações, de subjetividades, de verdades. a formação de futuros educadores pode ser entendida de maneira que desvencilhem de noções preconcebidas e estereótipos culturais. (Paraiso, p. 296, 2004)

Essa formação é orientada por uma abordagem a partir das relações sociais e culturais ao qual os/as sujeitos inseridos/as em sala de aula narram e, suturam seus modos de ser o sujeito. Hall (1997) argumenta que:

Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Portanto, é fácil perceber porque nossa compreensão de todo este processo teve que ser completamente reconstruída pelo nosso interesse na cultura; (Hall. p. 8, 1997)

O diálogo e a abertura ao pluralismo de perspectivas são outros elementos que a autora destaca. Ao compreender o ambiente de sala de aula como plural e diverso e onde os/as alunos/as são incentivados a compartilhar

suas próprias experiências culturais, os professores e professoras podem aprender a apreciar a multiplicidade de perspectivas.

(...) uma inversão da relação que tradicionalmente tem se pensado que exista entre as palavras que usamos para descrever as coisas e as próprias coisas. A suposição usual do senso comum é a de que os objetos existem objetivamente, como tal, no mundo e, assim, seriam anteriores às descrições que deles fazemos. Em outras palavras, parece normal presumirmos que as moléculas e os genes precedam e sejam independentes dos seus modelos científicos; ou que a sociedade exista independentemente das descrições sociológicas que dela se fazem. O que estes exemplos salientam é o modo como a linguagem é presumivelmente subordinada e está a serviço do mundo do fato. Entretanto, nos últimos anos, a relação entre a linguagem e os objetos descritos por ela tem sido radicalmente revista. A linguagem passou a ter um papel mais importante. Teóricos de diversos campos filosofia, literatura, feminismo, antropologia cultural, sociologia têm declarado que a linguagem constitui os fatos e não apenas os relata. (Du Gay, 1994)

Portanto, com base nas análises acerca formação de professores/as, temos observado os desafios de problematizar as questões de gênero como objeto de conhecimento, que busca se desvencilhar de noções preconcebidas e estereótipos. Isso, por sua vez, contribui para a prática pedagógica, como inclusiva e sensível às diversas identidades culturais dos alunos.

A equidade e a diversidade também ocupam o centro do palco. Questiona-se “Como a formação de professores pode ser pensada para promover uma pedagogia crítica e ativa em relação às questões de gênero, raça e classe?”. Sob a ótica dos Estudos Culturais, a equidade e a diversidade ocupam um lugar central na formação de professores, promovendo uma pedagogia feminista e ativa em relação a questões de gênero, raça e classe. Hall (1996, p. 41):

Sempre se deve ter consciência da forma específica da própria existência. As ideias não são simplesmente determinadas pela experiência; podemos ter ideias fora da própria experiência. Mas precisamos reconhecer também que a experiência tem uma forma, e se não refletirmos bastante sobre os limites da própria experiência (e a necessidade de se fazer um deslocamento conceitual, uma tradução, para dar conta de experiências que pessoalmente não tivemos), provavelmente vamos falar a partir do continente da própria experiência, de uma maneira bastante acrítica. Eu acho que isso acontece nos estudos culturais hoje.

De acordo com Silva (2001) “produzimos significado, procuramos obter efeitos de sentido, no interior de grupos sociais, em relação com outros indivíduos e com outros grupos sociais”. A desconstrução de estereótipos de gênero é um processo dinâmico, fluído e transita a partir das experiências dos sujeitos escolares, neste caso docentes e alunos/as. Educadores e educadoras devem buscar tensionar os discursos, desafiar as narrativas arraigadas que definem a ‘verdade’ sobre o papel feminino e masculino na sociedade, identidades de gênero, possibilitando que as experiências dos/as alunos/as sejam polissêmicas.

Uma abordagem interseccional, que reconhece que as identidades dos/as alunos/as não são monolíticas, mas interagem de maneira complexa. A escola, como espaço plural, diverso e polissêmico se constituem como mecanismo para narrar e fazer-se narrar outros discursos, passando a considerar as múltiplas dimensões das identidades que nesse espaço se insere. Deve-se planejar e executar práticas pedagógicas voltadas a diversidade.

Desse modo, as pesquisas pós-críticas em educação têm feito o currículo, a pedagogia, o ensino e outras práticas educativas movimentarem-se. Ao “atirar flechas” e realizar investigações que perseguem as condições de invenção dos conhecimentos legítimos, das verdades, do sujeito, da naturalização e universalização dos sentidos, essas pesquisas, por um lado, expõem as arbitrariedades, os processos de criação, as historicidades e as forças que fizeram a imposição dos sentidos e, em contrapartida, criam novos sentidos e fazem a educação movimentar-se, “dançar” (Silva, 2001, p. 32).

O currículo e os materiais de ensino são adaptados para refletir a diversidade de experiências dos alunos, incorporando autores/as e vozes diversas, tendo em vista o currículo, não como um documento formal isolado da prática, mas como um instrumento político, onde “[...] o currículo passa a ser considerado como uma invenção social que reflete escolhas sociais conscientes e inconscientes, que concordam com os valores e as crenças dos grupos dominantes na sociedade. [...]”. (Sacristán, 2000, p. 19).

Assim, dentro da perspectiva dos estudos culturais, a formação de professores se torna um processo de empoderamento, capacitando os educadores a adotar uma pedagogia que reconhece as complexas interseções

de identidade e promove a equidade e a diversidade na sala de aula. Essa abordagem não apenas reconhece a importância das identidades culturais, mas também busca desafiar e transformar as normas e estruturas culturais que ressignificam a experiência educacional.

De maneira geral, dentro do contexto educacional ao trazer uma nova perspectiva acerca da formação de professores, não se distancia das problemáticas que ainda são vigentes que desencadeiam debates profundos sobre identidade, equidade, currículo e poder. Assim, pretendemos discutir, na próxima seção, a perspectiva de gênero a partir das narrativas sobre formação docente.

2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

A complexidade da Formação de Professores/as já atrela minúcias que corroboram significativamente com debates extensos e que demandam uma densidade teórico-metodológica ao relacionar a diversidade a partir da perspectiva de gênero, já que [...] nenhuma cidadania pode ser construída adequadamente sob uma posição de desigualdade, em que está em destaque um padrão invariável de homem. (Doziart, 2010, p.40). Dessa forma, as discussões voltadas a temática gênero no contexto de formação e prática docente tem buscado tencionar as estruturas de poder e as estratégias de subversão voltadas as identidades de gênero, tanto na sociedade em geral quanto no contexto educacional.

O enfoque teórico fundamental dessa abordagem se atrela com a teoria feminista, que fornece uma base significativa para a compreensão das desigualdades de gênero e das dinâmicas de poder que permeiam o ambiente educacional.

As epistemologias feministas abrem-se para um campo multidisciplinar e defendem a pluralidade metodológica. A ciência, na perspectiva das epistemologias feministas, tem gênero, havendo diferentes maneiras de produzir conhecimento. Homens e mulheres fazem ciência de formas diferenciadas. A ciência positivista, considerada androcêntrica pelas epistemologias feministas, associou a objetividade à masculinidade, o que conduziu a presumir que, para ser objetivo,

requer-se um distanciamento e uma separação entre razão e emoção. (Narvaz, 2006, p. 4-5).

As teorias feministas, como o feminismo interseccional, destacam a interseção de gênero com outras categorias sociais, como raça, classe e sexualidade, evidenciando como essas complexas interações influenciam as experiências das pessoas na educação. Isso permite que os uma percepção, onde os professores atuem com uma compreensão crítica das normas de gênero e de como elas afetam o acesso à educação e as oportunidades de aprendizado.

Conforme Madureira e Branco (2015, p. 581):

O conceito de gênero parece distante de sua realidade, e continua restrito ao universo acadêmico. Enquanto as discussões acadêmicas sobre gênero alcançam um nível teórico-conceitual cada vez mais sofisticado, nas escolas a concepção de que as masculinidades e as feminilidades são construções culturais ainda é uma concepção distante.

Enriquecida pela integração de perspectivas teóricas pós-coloniais, queer e críticas ao patriarcado, essas perspectivas são tensionamentos que mergulham e alfinetam a fixação dos discursos sobre gênero e tendem a buscar novos e mais complexos debates sobre interações entre gênero, poder e cultura na formação e prática docente.

Nesse contexto, isso implica reconhecer como as normas de gênero ocidentais foram historicamente impostas, muitas vezes desvalorizando identidades e subjetividades de gênero locais. Essas perspectivas incentivam o reconhecimento de práticas e identidades de gênero diversas, ressignificando o processo educativo e a prática docente à uma educação mais inclusiva e culturalmente perceptiva.

Já nas perspectivas queer, compreende-se o desafio das categorias binárias tradicionais de gênero e sexualidade, ao problematizar que as pesquisas de inspiração na Teoria Queer, tem olhado, nas dinâmicas escolares, a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais como estruturas sociais no contexto escolar. Isso é essencial para perceber os ambientes educacionais como espaço onde as diferentes identidades (de gênero, raça, etnia, entre outras) se sintam respeitados, e inseridos no debate educacional. Os

professores formados com essa perspectiva tendem a ser mais sensíveis às experiências e desafios enfrentados por estudantes LGBTQ+.

As questões de gênero e diversidade sexual no currículo escolar é resultado de pressões do movimento social brasileiro, sobretudo, do movimento feminista que, a partir das primeiras décadas do século XX, passou a reivindicar a igualdade de gênero, raça e classe, não somente no âmbito das relações sociais e econômicas, mas, principalmente, na educação. Assim, a inter-relação das questões de gênero e educação ganhou maior visibilidade nas pesquisas educacionais somente em meados dos anos de 1990, com grandes avanços na sistematização de reivindicações que visavam à superação, no âmbito do Estado e das políticas públicas, da discriminação da mulher e a igualdade de gênero. Como resultado dessas reivindicações foram criados documentos oficiais, como a LDBEN e os PCNs, que recomendam o exercício de práticas que visem a construção da equidade de gênero na escola. (Reis, 2011, p. 71)

A perspectiva que permite uma análise mais profunda das dinâmicas de gênero na sala de aula e na escola entre os professores/as, proporciona em si, uma autorreflexão da sua própria identidade docente e dessa forma, sua tenciona e ressignifica sua própria prática. Professores/as que são sensibilizados nas percepções de mundo além do tradicionalismo, desafiam estereótipos de gênero, promovem a igualdade de oportunidades e criam um ambiente de aprendizado mais equitativo.

Em conjunto, essas perspectivas teóricas ampliam o arcabouço dos Estudos Culturais, compreendendo as complexas interações entre gênero, poder e cultura na formação e prática docente. Ao desafiar as narrativas dominantes que perpetuam estereótipos de gênero e hierarquias de poder na educação, essas perspectivas abrem caminho para uma formação de professores mais inclusiva, igualitária e sensível às questões de gênero.

Em resumo, a "Formação de Professores a partir da Perspectiva de Gênero" nos Estudos Culturais é um campo que se baseia em uma sólida base teórica para analisar de forma crítica as questões de gênero no contexto educacional. Ao incorporar teorias feministas, pós-coloniais e queer, os estudiosos e educadores têm as ferramentas necessárias para desafiar as normas de gênero e criar ambientes educacionais mais igualitários e inclusivos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos debates, foi possível conduzir a uma profunda reflexão sobre a importância da perspectiva de gênero na formação de professores, dentro do contexto dos Estudos Culturais.

Com as falas iniciais, oriundas de uma pesquisa, percebeu-se que as questões de gênero não são apenas um elemento isolado no processo de formação de educadores, mas sim um componente intrínseco e muitas vezes subestimado, que permeia pela sala de aula, no entanto, apresenta processos que, dentro do contexto social, infligem a integridade, subjetividade e identidade do sujeito. Os desafios relacionados ao gênero estão presentes nas salas de aula, com alunos manifestando desprezo por colegas que se comportam de maneira diferente e brincadeiras de mau gosto que perpetuam estereótipos de gênero.

Nesse contexto, os professores se tornam, sujeitos capazes de problematizar ou reproduzir as percepções dominantes sobre gênero. A abordagem dos Estudos Culturais, que busca tensionar as problemáticas relacionadas à formação de professores, oferece uma visão crítica e contextual das complexas questões de gênero no campo educacional. Através dessa perspectiva, podemos reinterpretar a formação de professores como um processo contínuo, que não se limita à transmissão de conhecimento, mas envolve a desconstrução de identidades preexistentes e a reconstrução de novas perspectivas. Os futuros educadores são desafiados a se desvencilharem de noções preconcebidas e estereótipos culturais, promovendo a equidade e a diversidade na sala de aula.

A formação de professores a partir da perspectiva de gênero baseia-se em teorias feministas e incorpora as contribuições das perspectivas pós-coloniais e queer. Isso permite que os educadores compreendam as complexas interações entre gênero, poder e cultura na formação de professores. Eles são incentivados a reconhecer a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, desafiando normas de gênero estabelecidas. Além disso, a desconstrução de estereótipos culturais é enfatizada, onde os educadores a questionam preconceitos arraigados que podem prejudicar a experiência dos alunos.

A equidade e a diversidade são valores centrais nessa abordagem. Os futuros educadores são incentivados a adotar uma abordagem perceptiva em relação às questões de gênero, raça e classe, reconhecendo a importância das múltiplas dimensões da identidade ao planejar práticas pedagógicas. O currículo e os materiais de ensino são adaptados para refletir a diversidade de experiências dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível.

O presente artigo compreende que o processo educativo vá além da mera transmissão de conhecimento, engajando-se na reconstrução de identidades, desconstrução de estereótipos culturais e promoção da equidade de gênero no ambiente educacional. Isso inerente a prática pedagógica para perceber a sociedade, a diversidade e as múltiplas facetas do processo educativo.

Temos tencionado que no contexto de sala de aula, articulado as dinâmicas sociais ao qual as questões de gênero se inserem, têm dificultado o trabalho docente, especificamente, quanto ao debate, aos tensionamentos, e direcionamento sobre diversidade com seus estudantes. O excerto, fruto das discussões teóricas que formulam a pesquisa maior (dissertação de mestrado), tem possibilitado olhar para os diálogos produzidos juntos aos educadores e educadoras, percebendo essas movimentações sociais e educativas no contexto da escola.

Diante disso, as discussões iniciadas neste trabalho, ainda carecem que negociações entre outras narrativas que constituem as questões de gênero, prática docente e narrativas escolares. Estamos atentas as dinâmicas e procuraremos estabelecer suturas no contexto da pesquisa maior.

REFERÊNCIAS

DOZIART, A. Políticas e práticas pedagógicas inclusivas na perspectiva do currículo para as diferenças. *In*: PEREIRA, M. Z. C. *et al.* (Orgs). **Diferenças nas políticas de currículo**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

FORNÃS, J. **Estudos culturais**: atravessando fronteiras, defendendo distinções. O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies/ Organizadores Luís Henrique Sacchi dos Santos, Lodenir Becker Karnopp, Maria Lúcia Castagna Wortmann. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

IMBERNÓN, F. Amplitude e profundidade do olhar: educação ontem, hoje e amanhã. *In*: IMBERNÓN, Francisco. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

JAGGAR, A. M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. *In*: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (Orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 157-185.

MADUREIRA, A. F. do A.; BRANCO, Â. U. Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da Perspectiva de Professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, 2015, pp. 577-591.

NARVAZ, M. **Submissão e resistência**: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PARÁISO, M. A. Pesquisas Pós-Críticas Em Educação No Brasil: Esboço De Um Mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004.

REIS, G. L. **O Gênero e a docência**: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas / Greissy Leoncio Reis – 2011

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. As Pedagogias psi e o governo do eu nos regimes neoliberais. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 7-13.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WORTMANN, M. L. C.; COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 32–48, 2015. DOI: 10.15448/1981-2582.2015.1.18441. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>. Acesso em: 20 out. 2023.